



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Exu, magia e liberdade

*Esp. F. Rivas Neto<sup>1</sup>*

**Resumo:** as religiões afro-brasileiras foram descaracterizadas, refutadas e preconceituadas por uma sociedade dominante, que luta pela manutenção do *status quo* (princípio apolíneo), foram atacadas naquilo que mais amedrontava e mais amedronta essa mesma sociedade, a entidade sobrenatural, Exu. Mas por que Exu é a divindade do panteão afro-brasileiro mais criticada e associada ao diabo ou demônio cristão? Seria porque para Ele tudo é possível? Seria porque é contra

---

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

*Esp. F. Rivas Neto*

as injustiças e desigualdades, sejam espirituais, cósmicas ou sociais? Ou seria por ser Exu a encarnação da vontade inquebrantável, permitindo aos homens conseguir tudo de que necessitam? Exu é o indutor da autodeterminação, da quebra de interdições sociais, que limitam a liberdade, por isso dá aos homens acesso aos meios mágicos, religiosos, de melhorar sua sorte. Os mitos de Orunmilá Ifá afirmam que Exu persuadiu a Lua e o Sol a trocarem seus domínios, mudando assim a ordem das coisas, contrário, pois, como se percebe, à manutenção do *status quo*.

■ **Palavras-chave:** exu; liberdade; magia; Orunmilá Ifá; religiões afro-brasileiras.

Na década dos anos 1960 tomamos consciência da realidade das religiões afro-brasileiras, de sua missão espiritual, social, cultural e, — por que não dizer? — política, na sociedade brasileira.

A opinião pública tinha as religiões afro-brasileiras como algo que comprometia a imagem do Brasil como país civilizado, portanto, motivo de vergonha e repulsa aos ritos e tudo mais que fizesse lembrar o ambiente malsão das senzalas.

*Exu, magia e liberdade*

O combate não é, pois, um fenômeno da atualidade, mas sim de quase 500 anos de discriminação, preconceito e violência à cultura, à arte e religião de um povo, não só negro, mas de todos os excluídos.

Portanto, a repulsa e a intolerância às religiões afro-brasileiras, segundo nossa ótica, não se devem ao medo mais ou menos preciso e confessado da feitiçaria, como defendem alguns sociólogos e antropólogos.

Querer ter como bode expiatório o medo da feitiçaria é minimizar, ser reducionista com o problema, pois o que existia e existe é o preconceito. Sim, como uns e outros afirmavam, as religiões afro-brasileiras foram “toleradas”, isto é, as elites, a oligarquia desde sempre rechaçaram os cultos, mas, como eles podem render proventos financeiros e políticos, transformaram-nos em eventos turísticos. Essa é a “tolerância”, algo contrário ao que deveria ser o respeito incondicional a todas as religiões e manifestações culturais dos povos ou matrizes formadoras do povo brasileiro.

Talvez Nietzsche esteja certo e tenha a resposta às dúvidas que suscitamos. Sim, na sua obra crítica à tradição da filosofia ocidental a partir de Sócrates, ele a acusa de ter negado a intuição criadora da filosofia anterior, a pré-socrática. Nessa

# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

*Esp. F. Rivas Neto*

análise estabelece a distinção entre dois princípios: o apolíneo e o dionisíaco – a partir respectivamente de Apolo (deus da razão, da clareza, da ordem) e Dionísio (deus da aventura, da música, da desordem).

Infelizmente essas discussões complementares da realidade foram segregadas na época de Sócrates, que ao optar pelo culto à razão, minou a seiva, a semente criadora da filosofia na dimensão dionisíaca (COTRIM, 1988).

As religiões afro-brasileiras foram descaracterizadas, re-  
futadas e preconceituadas por uma sociedade dominante, que  
luta pela manutenção do *status quo* (princípio apolíneo), fo-  
ram atacadas naquilo que mais amedrontava e mais ame-  
dronta essa mesma sociedade – a entidade sobrenatural  
– Exu (princípio dionisíaco).

Mas por que Exu é a divindade do panteão afro-brasileiro  
mais criticada e associada ao diabo ou demônio cristão?

Seria porque para ele tudo é possível? Seria porque é contra  
as injustiças e desigualdades, sejam espirituais, cósmicas ou so-  
ciais? Ou seria por ser Exu a encarnação da vontade inquebrantá-  
vel, permitindo aos homens conseguir tudo de que necessitam?

Exu é o indutor da autodeterminação, da quebra de  
interdições sociais, que limitam a liberdade, por isso dá

*Exu, magia e liberdade*

aos homens acesso aos meios mágico–religiosos de melhorar sua sorte.

Os mitos de Orunmilá Ifá afirmam que Exu persuadiu a Lua e o Sol a trocarem seus domínios, mudando assim a ordem das coisas; contrário, pois, como se percebe, à manutenção do *status quo*.

Expressa simbolicamente as incertezas humanas frente aos debates com as condições sociais estabelecidas, a afirmação da liberdade e autonomia do ser humano frente às injustiças naturais e sociais.

Exu, enquanto princípio de existência individualizada, introduz a diferenciação, a noção de autonomia e de ação possível ante os sistemas estruturados e, como princípio genérico de hierarquia social, é representante da mudança ainda não realizada (TRINDADE, 1985).

Depois das citações e ilações sobre Exu em seus aspectos cósmicos, sociais e individuais, pode-se entender o porquê de Exu ser demonizado e, infelizmente, ser mal interpretado por dentro de alguns setores, se bem que isolados, das religiões do Orixá.

Quando ritualizamos Exu estamos atualizando seu conceito e significado, o mesmo se dando com o significado simbó-

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Esp. F. Rivas Neto*

lico da oferenda ritual, que busca harmonizar o cosmo e o indivíduo por intermédio da absorção e restituição do Axé, simbolizando Exu, o princípio de existência individualizada.

Robusteçamos o quadro mental citando Juana Elbein (2008, p. 58-59):

O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte deles mesmos transformou-se em lama. Dessa forma originou-se uma bolha ou montículo, a primeira matéria dotada de forma, um rochedo avermelhado e lamacento. Olorum admirou esta forma e soprou o montículo, insuflou-lhe seu hálito e lhe deu vida. Esta forma, a primeira dotada de existência individual, um rochedo de laterita, era Exu Yangi.

Nos Orixirixi (contos imemoriais dos Itanifás) de Exu encontraremos o tributo de Exu: Igba Ketá, isto é, a terceira cabaça, o terceiro criado, pois os primeiros foram Oxalá e Odudwá.

O mesmo fundamento, ou seja, as várias qualidades de Exu, demonstra a ligação direta do mesmo com Orunmilá Ifá, com o destino individual (Bará), igualmente com o conceito

*Exu, magia e liberdade*

de Exu ser Enu Gbarijó (Boca Coletiva), manifestando a vontade de todos os Orixás.

*1º de novembro de 2010.*

## Referências

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente: elementos da história do pensamento ocidental*. São Paulo: Saraiva, 1988.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto ègun na Bahia*. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. ■

TRINDADE, Liana. *Exu. Poder e Perigo*. São Paulo: Ícone, 1985.